

Santa Bárbara do...

(Continuação da 1.ª página)

caria, de onde provinham as tropas que abateciam às plagas de Piratininga.

Essa estranha, de Jaguariava para o sul, vinha em direção ao Rio Pitangui, passando pela Sermaria dos Padres da Companhia de Jesus.

Estes, vendo que crescia o movimento de tropeiros e de viajantes, bem como o número de fazendas na região, trataram de edificar uma capela, que dedicaram à Santa Bárbara.

Nessa região fizemos uma visita em dias do ano passado. A capela ainda existe. Foi toda construída com o material em maior quantidade existente na região — o arenito das Furnas, assentada sobre um grande bloco do mesmo material. Suas paredes são bastante espessas, tendo a frente voltada para o Sul, e seu atual proprietário tem feito alguma coisa para sua conservação. Entre outras coisas, construiu uma parede de madeira, tanto na frente como na parte traseira da capela, que haviam ruído completamente, colocando um novo soalho em lugar do primitivo, que se achava em mau estado.

Entre as diversas relíquias existentes na Capela, vimos uma imagem de Santa Bárbara ali deixada pelos jesuitas, da qual foi roubada uma coroa de prata com algumas pedras preciosas, segundo informações que tivemos; também tivemos ocasião de ver uma "casula" para batismo, um turbilhão de bronze, duas bacias de madeira usadas nos batismos, santos, talhados em madeira e, pedaços de diversas outras coisas.

Tivemos informações de que existem túmulos de padres em baixo do soalho da capela, bem como outros túmulos antigos no cemitério da Fazenda.

De uma informação afixada na parede da Capela, como contribuição de um Sr. Barbosa Emilio, consta uma relação dos Padres Jesuitas que estiveram à frente do Colégio de Paranaguá e que, muito provavelmente, em suas visitas periódicas, celebraram missas na Capela de Santa Bárbara.

Dessa relação constam os nomes dos jesuitas Frei Leonardo Nunes, martirizado pelos índios, Padre Antônio da Cruz (1707); Padre Tomaz de Aquino (1716); Padre Vito Antônio (1717); Padre Manoel Amaro (1720); Padre Antônio da Cruz (1732); Padre João Gomes (1725); Padre Estanislau Cardoso (1735); Padre Francisco Gomes (1739); Padre Manoel Rodrigues (1740); Padre Antônio da Cruz (1741); Padre Caetano Dias (1743); Padre Lourenço de Almeida (1748); Padre Manuel Martins (1751); Padre Cristóvão da Costa (1752). Informa ainda que, além dos padres da Companhia de Jesus, celebraram missas os Frades Carmelitas.

A expulsão dos Jesuitas, de Portugal e de suas colônias, verificada pelo Alvará de 1759, assinado pelo Marquês de Pombal, confiscou e fez anexar aos bens da Coroa

Portuguesa, todos os bens pertencentes à Companhia de Jesus e entre estes, a Fazenda de Santa Bárbara do Pitangui e, de acordo com o que consta no Arquivo Paroquial da cidade de Castro, a qual pertencia eclesiasticamente à Capela, cessaram todos os ofícios divinos que, eventualmente, ali se realizavam.

Embora o Sr. Barbosa Emilio, em sua contribuição, nos afirme que a Fazenda de Santa Bárbara do Pitangui teria sido adjudicada aos Beneditinos de Santos, o ilustre historiador castrense, Sr. Pedro Novaes, declara, baseado em dados fidedignos colhidos em um dos antigos cartórios da cidade de Castro, que, quando os religiosos de São Bento tiveram ciência da conduta do Marquês de Pombal, temerosos de que lhes acontecesse o mesmo, recolheram-se para São Paulo, confiando a administração de sua Fazenda do Rio Verde a seus prepostos Custódio Alves de Moura, Atanagildo Pinto Martins e Manuel José Novaes Guimarães.

A História do Brasil registra a nomeação do Guarda-Mór Joaquim Ferreira Pinto para o pouso do Pitangui, onde deveria ser mantido um depósito de gêneros, necessários aos viajantes que demandavam as longínquas plagas do Rio Grande, ou que de lá voltavam.

Do destino dado à Fazenda, temos as seguintes notícias, em ordem cronológica:

1813 — Carta de Sermaria adjudicando a fazenda de Santa Bárbara do Pitangui ao Alferes Atanagildo Pinto Martins, assinada por D. Mateus de Abreu, Bispo e Primeiro do Conselho de Sua Alteza Real.

1816 — O Capitão Benedito Mariano Ribeiro Ribas obteria a Sermaria do Alferes Atanagildo Pinto Martins, a qual, vindo de sucessão em sucessão, conservou-se com a família Ribas durante 60 anos.

1906 — O Major Eusébio Batista Rosas comprou-a do Major Benedito Mariano Ribas.

1922 — O Major Eusébio Batista Rosas vendeu a Fazenda ao Sr. José Ferreira Penteado.

1927 — O Sr. José Ferreira Penteado vendeu-a ao Sr. João Nadal.

Com o falecimento desse último proprietário, há poucos anos atrás, a Fazenda ficou para sua herdeira a viúva, Sra. Angelina Nadal.

Como se vê, uma relíquia histórica está em mãos de particulares, há quase cento e cinquenta anos. A falta de uma conservação adequada vem prejudicando o aspecto original da Capela. É verdade que os últimos proprietários têm procurado conservá-la, mas de um modo totalmente diferente da quele em que foi construída a Capela.

Temos promovido, ultimamente, uma campanha em favor da restauração da mesma, razão pela qual enviamos ao Primeiro Congresso de Universitários de História, a título de tese, o presente trabalho.

Ponta Grossa, 2 de Julho de 1960.

João Alves dos Reis
Do Centro Cultural "Euclides da Cunha".

BIBLIOGRAFIA

1 — História Geral do Brasil, de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro — Tomo I — Edição da Companhia de Melhoramentos de São Paulo — 1935.

2 — História do Brasil, de Rocha Pombo — Edição W. M. Jackson Inc. — Rio de Janeiro.

3 — Documentos Comprobatórios dos Direitos do Paraná na questão de limites com Santa Catarina, de Romário Martins — Rio de Janeiro — 1915.

4 — Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná, de Ermelino de Leão — Curitiba — 1926.

5 — Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil, de Francisco de Assis Carvalho Franco — São Paulo — 1954.

6 — Memória Histórica, Cronológica e Topográfica de Paranaguá, de Antonio Vieira dos Santos — Paranaguá — 1850.

7 — Viagem ao Interior do Brasil, de M. Augusto Saint-Hilaire — Curitiba — 1931.

8 — A Fundação de Ponta Grossa, de Pedro Novaes — 1923.